

GUIA

DA

EXPOSIÇÃO DA INDÚSTRIA REGIONAL

E DO

ARTESANATO BARCELENSE



FESTAS DAS CRUZES

PARQUE DA CIDADE

1962



5/749(469.12)

UI

1888

11

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1888

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1888

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1888

Guia
da
Exposição da Indústria Regional
e do
Artesanato Barcelense

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 60042

*Leone
Barceliana*

FESTAS DAS CRUZES

PARQUE DA CIDADE

1962

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

Quia

da

Exposições de Industriã Regional

de

Aracaju - Sergipe

EXPOSIÇÃO DE INDUSTRIA REGIONAL
ARACAJU - SERGIPE
1964

EXPOSIÇÃO DE INDUSTRIA REGIONAL
ARACAJU - SERGIPE

Razão desta Exposição

Vivem as populações rurais em sérias dificuldades por a lavoura não poder fazer aquilo que necessário era ao viver de cada um. Mas esta crise pode e deve ser debelada, se houver interesse de todos em o fazer. Há que procurar novos rumos e novas fontes de receita, há que desenvolver a actividade e a habilidade de cada um, procurando apresentar coisas que possam interessar.

Estando o Governo da Nação empenhadíssimo na melhoria da vida do trabalhador rural, porque é que se não hão-de aproveitar as suas horas livres incitando-o a fazer coisas que, a brincar, lhes aumentam os proventos ?

Mas eles só por si, pouco ou nada podem fazer, pois não conhecem os mercados nem os artigos que mais possam dar.

Eis, pois, a razão desta Exposição. Apresentar, incitar o trabalhador rural a fazer e a vender, e o público, o grande público das cidades e das aldeias a comprar, desenvolvendo-lhe o gosto pelas ingénuas peças fabricadas por mãos tenras ou já encarquilhadas pela idade, mas quantas vezes fabricadas com amor, com o coração.

Todos os portugueses podem e devem auxiliar o desenvolvimento do artesanato português pois que possuindo a Nação verdadeiro alfofre de coisas nossas, só nossas, que nos falam à alma, que nos prendem os sentidos, não está certo que cada um não compre essas peças de artesanato como recordação, e como incentivo de quando para elas olhar lhe falem à alma e o façam sentir mais português.

E depois deste pequeno introito vamos procurar dar uma pequena ideia do que é possível ver nesta exposição. A descrição é sucinta, pois muito haveria a dizer, mas o tempo é pouco e o visitante antes quer ver do que ler...

Vamos lá.

As rocas

Uma varinha de oliveira, ou uma cana preta ou amarela, serve ao jeito para desmear e fazer o cortiço. O cuidado em abrir as aduelas, medindo-as simètricamente, é serviço que se faz a brincar.

È que uma roca é, quasi sempre, um pedaço do seu ser que o rapaz entrega à namorada. O moço que espera a rapariga, usualmente ao domingo, na apanha da erva, vai matando o tempo a fazer a roca. È que o fazer a roca é quasi que um incentivo à construção do bragal. Às vezes, no seu pé, pode ler-se um romance de amor que o moço vai, com a ponta do canivete, traçando em símbolos segundo as alegrias ou dissabores que a namorada lhe dá. As flores, os corações, as cruces, representam estados de alma de que só eles conhecem o verdadeiro significado.

Também há quem as fabrique para vender, e estes, usualmente e com maior amplitude, são os guardadores de gado.

Os fusos

Como não pode haver roca sem fuso, este é já industrializado e não tem significado amoroso.

Aquele pedacinho de pau redondo e bem formado vai, embora pareça mentira, vinte e duas vezes à mão do seu feitor. È curioso o seu fabrico; e é uma indústria popular que há que defender e proteger.

As espadelas e os espadeladouros

Há carpinteiros que os fazem, mas estes são como as rocas. Moça que aceite a roca quer espadela, e espadeladouro. È que se não pode

fiar o linho sem que seja espadelado. E o namorado que se preza oferece o espadeladouro e a espadela àquela que Deus fará sua.

No espadeladouro é posto um pouco de alma e do sentimento do rapaz através de figuras ou desenhos que nós, os leigos, não compreendemos mas que eles lêem com os olhos do coração. Existem lindas, autênticas maravilhas.

Louça de barro não vidrado

Chama-se assim ao barro cozido, não vidrado, tais como os cântaros, as panelas, os potes, os púcaros, as caçoilas, as chocolateiras, os fornos de cozer a boroa, os comedouros e bebedouros para aves, etc., etc..

Estas louças são fabricadas com barro da região, sem qualquer preparo, e cozido a cerca de 800.º. Destina-se a ir ao fogo e a recipiente de líquidos.

Mas estas peças têm de ser feitas à roda, e vamos dar aqui uma pequena amostra do que se compõe uma *roda de oleiro* :

È composta por um eixo assente sôbre uma agulheta e a rolar dentro duma pomba, com uma roda inferior de 70 centímetros de diâmetro, por onde o oleiro tange com o pé. Tem uma roda superior a que chamam rodalho, onde se fabrica a louça. O oleiro descansa sobre o respectivo assento e com o pé direito no estribo, põe a roda a andar com o pé esquerdo.

Na sua frente tem o furriqueiro, e é ao lado esquerdo que tem os poleiros que vão servir para fazer a louça. Tem ao lado do furriqueiro a baliza que marca o tamanho e a largura da louça. A louça é feita com canivetes, pequenas tabuinhas de madeira de cerejeira, um pano e uma linha. O resto é engenho e arte do feitor.

Tapetes de penas

O género humano é inventivo e procura tudo que lhe pareça bem para fazer coisas. Está neste caso o tapete de penas que a eco-

nomia doméstica conseguiu para fazer mais umas coisas. É moroso o seu fabrico, mas bela a sua apresentação.

Os tamancos

Vem de longos tempos o uso dos tamancos; e esta região de Barcelos é terra de tamanqueiros. Aqui fazem-se tamancos de todas as formas, e feitios, chamando-se pòveiros, varinos, papos secos, etc. O seu fabrico tem por base a madeira de amieiro, ou de pinho, e o couro. Este pode ser em cru, pintado ou envernizado, que pode ser bordado ou não. É só escolher e dizer como quer.

Bonecos pintados

Os barros de Barcelos são antiquíssimos; possivelmente datam da época dos primeiros presépios. E diz-se assim por só mais tarde estes aparecerem nas colecções dos barristas de Barcelos. O modelador barcelense tinha a propensão de fazer figuras de fauna existente e a prová-lo estão os bois, os burros, as cabras, etc., etc.

Mais tarde, muito mais tarde, apareceram os galos, os célebres galos de Barcelos, de cores altaneiras, airosos e viris. E destes pode dizer-se que correm mundo alardeando a sua alegria pelos cinco cantos do Universo.

Ao boneco popular, ao artigo que sujava as mãos ao pegar-se nele, sucedeu o mais bem acabado e melhor pintado, aquele que tem melhor venda. Não é que o regional se não fabrique, mas para ser o que deve ser, tem de ser modelado um a um e, se assim for, quanto devem custar? Há-os lindos, cheios de vida e de graça ingénua, mas que se vendem muito mal, por o público lhes não pegar por serem caros. Os outros, os que são pintados em série, não há mãos a medir para atender a clientela, e nestes há que atentar na beleza do colorido, no gesto, no movimento, enfim, no trabalho moderno, porque o mundo não pára. Tanto uns como os outros são fabricados segundo a fantasia e a vontade do seu feitor, razão porque não há no mundo ninguém capaz de ter uma colecção de barros de Barcelos.

Podem ter barros de Barcelos, mas um de cada modelo, é impossível, porque o segundo já não é igual ao primeiro.

Os latoeiros

Antes de haver electricidade, acetilene ou gás, os nossos avoengos iluminavam-se com uma candeia. A candeia é um recipiente que se enchia de azeite, ou graixa de sardinha, na qual se embebia um pavio de estopa, e tínhamos a luz.

Os anos decorreram, mas a tradição manteve-se, e ainda hoje há quem use uns tantos modelos de lampiões que em vez de azeite ou graixa têm uma lâmpada a alumiar. Latoeiros ainda os há, e fazem de tudo. É só questão de demorar e ver.

Os jugos

Quando se pensou em servir dos animais para nosso proveito, logo saltou a necessidade de apetrechos necessários e entre os apetrechos necessários conta-se o jugo ou a canga.

Os jugos de Barcelos são conhecidíssimos por serem lindos e bastante diferentes dos de outras regiões. Vale a pena ver como se trabalha um jugo. Estes são feitos em várias qualidades de madeira, e entre elas pode citar-se o freixo, o sobreiro e o eucalipto.

O linho

O linho era a fibra mais usada pelos nossos avós e era com este produto que se vestiam e fabricavam as peças necessárias aos usos caseiros. O linho, desde a sementeira ao uso, quanta volta não dá! Para o curioso e para o visitante talvez não seja mau uma nota sobre este assunto.

Há duas qualidades de linho: o mourisco, que é semeado no inverno, e o galego no princípio do verão. O linho cresce e fica dentro em pouco bom para arrancar. Para melhor poder fazer este serviço, é costume acamá-lo e quando a brincadeira pega, um casal

(rapaz e rapariga) enlaçam-se e rebolam-se por cima até o deitarem. Chama-se a isto na gíria popular, «talhar a camisa».

Depois, temos a ripada para lhe arrancar a semente; ainda se usa entalar o ripanso entre o chadeiro e a roda do carro de bois. Depois de ripado vai a alagar (curtir) para se seguir o coradouro — uns dias ao sol — e lá vai para a molhada, ou engenho, para ser macerado. Sai do engenho, estende-se, seca, e vai ser espadelado. — É sempre dia de festa quando se faz uma espadelada. Os espadeladores podem ser de madeira ou de cortiça (cortiço). Depois de espadelado vai ao sedeiro, donde sai o linho fino, a estopa e a restela. A estopa, para melhor aproveitadouro, é penteada. Depois é fiado e colocado em meadas para ser cozido numa «borralhada» durante 24 horas. Lava-se e córa-se durante 15 dias. Depois de córado volta a ser cozido para «acertar a barrela», segue-se a dobagem em novelos ou para a urdidura. Segue-se então a

Tecelagem

O tear é composto por orgão, queixos, liços, apioulas e a urdidura. A prancha é onde a fiandeira trabalha com os pés para tocar os liços. Os liços abrem ou fecham à passagem dos fios e o tempeiro regula a largura e não deixa estreitecer a teia. A teia tem de ser encostelada para que os fios se não baralhem. O tolo, aperta a teia.

O casal, é onde estão os novelos; a urdidura é onde se faz a teia; a espadilha é onde se metem os fios para fazer o cadilho. Tudo em ordem, toca a tecer. E tecem-se, na verdade, coisas lindas, muito lindas, como podem ver.

A lã

Depois do carneiro tosquiado, a lã é fiada. E só depois de fiada é lavada e seguidamente tingida. A tecedeira rural ainda hoje tinge com trovisco, fuligem da chaminé, tortulho da madeira, etc.

Louça com vidrado

Os alguidares, redondos ou tortos, baixos ou altos, canões, chocolateiras, copos e enfusas, porrões, pratos e tigelas são fabricados com barro da região e mistura de outros barros (barros de outras regiões). Cada fábrica tem o seu segredo na mistura dos barros.

É vidrada a galena, e pode dizer-se que é ainda nos moldes antigos que se processa a vidragem destas peças. Portanto, absolutamente popular. Depois de pintada com desenhos variados vai ao forno para cozer a cerca de 980.º.

Carpintaria naval

As freguesias de Aldreu, Palme e Fragoso, ficam distantes do mar, alguns quilómetros. E, caso curioso, pode dizer-se que a principal indústria destas terras, pelo número de operários que ocupa, é a carpintaria naval. É curioso o seu fabrico e cheio de interesse pelos variadíssimos modelos, desde os vasadouros aos baldes e gamelas. Usam diversas madeiras para a sua indústria mas a mais em voga é a de pinheiro.

Louça decorativa

Neste género de louça, fabricam-se colunas rústicas, canecas, moringas, garrafas, jarras, ânforas, gomis, floreiras e fruteiras, centros de mesa, altos e baixos relevos, enfim, tudo aquilo que salta à ideia do oleiro fabricante. Este idealiza, cria, compõe e, até, copia...

Fabricam-se louças em vidrado, polidas, vermelhas, brancas e brancas ou vermelhas com tarja. O barro é uma mistura de barros desta e doutras regiões, e também se fabricam em larga escala estes motivos, pintados com as mais variadas fantasias. — Uma nota : a louça polida volta ao torno (roda de oleiro); quer dizer, depois de feita é posta a secar e depois de meia seca volta à roda para polir.

Cerâmica industrial

Em Barcelos, fabrica-se grande variedade de louças industriais, tais como telhas, tijolos, cornijas, canos, etc., etc. Nesta exposição aparece-nos uma fábrica de canos de barro primitiva, cujo fabrico se faz com o antiquado fuso de madeira.

Os cestos

Cesteiro que faz um cesto... Ora os cesteiros de Barcelos fazem muitos tipos de cestos e em variadas madeiras e para diversos usos, devendo destacar-se entre todos os que são fabricados com sanguinho.

Os juncos

Uma indústria velhinha na terra é o uso de caroças no inverno pelos rapazes que apascentam o gado. Umás são de feitio caprichoso e outras são singelas. Nesta exposição vê-se fabricar.

Os cestos e chapéus de palha

Também está presente uma demonstração do fabrico de peças em vime e verga. Variadíssima colecção que mostra o desenvolvimento actual desta indústria barcelense em franco progresso.

As rendas de crivo

Uma indústria caseira a pedir protecção. Uma indústria que necessita desenvolvimento e mercados para poder compensar aquelas centenas de mulheres que no fabrico de rendas ganham a vida.

São desenhos mimosos passados para o alvo linho e que amorosamente as raparigas e mulheres das freguesias de Carreira, Silveiros, Sequiade e Moure bordam alegremente.

É muito curioso o seu fabrico e digno da melhor atenção.

*

*

*

Mais uma vez Barcelos fica devendo ao Grémio do Comércio a organização técnica desta exposição, dado que tem sido este Organismo aquele que mais e melhor vem defendendo o património popular, e feito uma acção meritória na defesa dos interesses morais e culturais da população rural.

Esta exposição vale pela sinceridade. Nada do que aqui se apresenta foi inventado ou improvisado. Tudo é natural e, como se vê, tudo é susceptível de ter desenvolvimento e ser meio capaz de melhorar o nível de vida da população rural.

A seguir damos uma nota das Casas do Povo a quem podem ser pedidas informações sobre :

Ferreiros — 33

nas areas das Casas do Povo de : Durrães — Vila Seca — Macieira — Vila Cova — Rio Covo Sta. Eugénia — Lijó — Carapeços e Pedra Furada

Mobiliário — 41

Casas do Povo de : Durrães — Silveiros — Vila Seca — Macieira — Rio Covo Sta. Eugénia — Carapeços

Tamancos — 12

Casas do Povo de Durrães e Barcelinhos

Cabos de Ferramentas — 14

Durrães e Lojó

Teares — 137

Casas do Povo de Durrães — Vila Seca — Macieira — Cristelo
— Vila Cova — Viatodos — Lijó e Pedra Furada

Rendas de Crivo — 6

Casa do Povo de Silveiros

Labristas — 22

Casa do Povo de Vila Seca — Rio Covo Sta. Eugénia — Vila
Cova — Lijó e Carapeços

Vime e verga — 22

Casa do Povo de Macieira — Rio Covo Sta. Eugénia — Vila Cova
— Lijó e Carapeços

Jugos — 5

Casas do Povo de Viatodos e Barcelinhos

Barros — Bonecos — 27

Casa do Povo de Lijó e Arcozelo

Pipos — 4

Casa do Povo de Lijó

Vassouras de Giestas — 2

Casa do Povo de Lijó

Rosários

Casa do Povo de Lijó

Rodeiros — 5

Casa do Povo de Pedra Furada e Barcelinhos

Fumileiros — 5

Casa do Povo de Carapeços — Lijó e Milhazes

Fusos e Espadelas — 3

Casa do Povo de Milhazes

Rocas

Casa do Povo de Martim

Discrição de
Simplicio Landolt de Sousa

TIP. LIZ - BARCELOS

biblioteca
municipal
barcelos



60042

Guia da exposição da
indústria regional e do